

ABBI GLINES

# AMOR SEM LIMITES

O destino fez de tudo  
para afastá-los.  
Mas o amor os uniu.



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*A todos aqueles que amam a história de Rush e Blaire  
tanto quanto eu.  
Obrigada por implorarem por um terceiro livro com eles.  
Adorei escrevê-lo. Cada palavra.*

*“Quando encontrar seu motivo para viver, agarre-o. Nunca o perca de vista. Mesmo que isso signifique abrir mão de outros caminhos.” – Rush Finlay*

## PRÓLOGO

Se não estivesse tão hipnotizado por Blaire e pela forma como ela iluminava o ambiente, eu o teria visto entrar. Mas não vi. De repente, a conversa ao meu redor silenciou e todos os olhares estavam voltados para a porta atrás de mim. Olhei para Blaire, que ainda conversava com Woods e não percebera a mudança na atmosfera, passei-a para trás de mim num gesto de proteção e só então me virei para ver o que havia capturado a atenção do bar.

Os mesmos olhos prateados que eu enxergava todos os dias no espelho estavam voltados para mim. Fazia um tempo que não via meu pai. Normalmente, mantínhamos mais contato, mas, com Blaire entrando em meu mundo e tirando-o do eixo, não me sobrara tempo nem energia para procurar o meu pai e conversar com ele.

Então, ao que parecia, desta vez ele é que viera atrás de mim.

– É o seu pai – disse Blaire baixinho ao meu lado.

Ela saíra de onde eu a havia escondido atrás de mim e segurava meu braço agora.

– É, sim.

## BLAIRE

Sem a maquiagem dos shows e a roupa de couro preta, ele parecia uma versão mais velha de Rush. Precisei andar rápido para acompanhar o ritmo dele, que segurava firme a minha mão enquanto caminhava a passos largos para longe dos outros clientes no bar. Seu pai ia na frente. Eu não saberia dizer se Rush estava feliz por vê-lo ou não. A única interação que houve entre eles foi o aceno de cabeça que Rush fez, indicando a porta. Ele obviamente não queria que essa apresentação tivesse plateia.

Dean Finlay, o baterista mais famoso do mundo, parou várias vezes no caminho para autografar objetos enfiados na frente dele. E não apenas por mulheres. Um cara chegou inclusive a pedir que ele assinasse um guardanapo do bar. O brilho ameaçador nos olhos de Rush enquanto tentava tirar o pai dali manteve o restante das pessoas longe. Em vez de se aproximarem, todos permaneceram em silêncio e ficaram assistindo ao baterista do Slacker Demon seguir em direção à porta.

A brisa noturna estava fria. Estremeci imediatamente, e Rush parou e enroscou os braços em mim.

– Precisamos ir para casa. Não vou fazê-la ficar parada aqui fora para conversar. Está frio demais – disse Rush ao pai.

Dean parou de caminhar e olhou para mim. Seu olhar me avaliou lentamente, e pude ver o instante em que ele notou minha barriga.

– Dean, esta é Blaire Wynn, minha noiva. Blaire, este é Dean Finlay, meu pai – disse Rush, com a voz estrangulada. Não parecia querer fazer essa apresentação.

– Ninguém me contou que eu ia ser avô – falou ele com a voz arrastada.

Não entendi ao certo como ele se sentia em relação a isso, porque seu rosto não deixou transparecer nenhuma emoção.

– Andei ocupado – foi a única resposta que Rush lhe deu.

Que estranho. Ele estava com vergonha de contar ao pai? Fiquei enjoada e comecei a me afastar dele.

Seus braços me apertaram mais, e pude sentir sua atenção focada completamente em mim.

– O que houve? – perguntou ele, dando as costas para o pai e abaixando-se para olhar direto nos meus olhos.

Eu não queria ter essa conversa na frente de Dean. Podia sentir os olhos dele em cima da gente. Sacudi a cabeça, mas ainda estava com o corpo tenso. Não consegui evitar: o fato de ele não ter contado ao pai estava me incomodando.

– Vou levá-la para o carro. Encontro você em casa – disse Rush por cima do ombro, sem tirar os olhos de mim. Baixei o olhar, desejando não ter reagido. Estava fazendo drama. Dean ia pensar que eu era uma chorona.

Abri a boca para argumentar quando Rush passou o braço pela minha cintura e me levou para o Range Rover. Ele estava ansioso. Não gostava de me ver chateada, algo em que precisávamos trabalhar. Eu iria ficar chateada às vezes. Ele não podia controlar isso.

Rush abriu a porta do lado do carona, me pegou no colo e me botou dentro da caminhonete como se eu tivesse 5 anos. Quando achava que eu estava chateada, ele começava a me tratar feito criança. Nós realmente precisávamos trabalhar nisso também.

Ele nem sequer havia fechado a porta do motorista quando olhou para mim.

– Tem alguma coisa errada. Preciso saber o que é para consertar.

Suspirei e me atirei no banco. Era melhor acabar logo com aquilo, mesmo que eu fosse parecer meio sensível.

– Por que você não contou ao seu pai sobre o bebê?

Rush estendeu o braço e fechou a mão sobre a minha.

– É este o problema? Você está chateada porque eu não contei ao Dean? Assenti e mantive os olhos em nossas mãos, pousadas em minha perna.

– Não tive tempo para procurá-lo. E sabia que ele apareceria quando eu contasse, porque iria querer conhecê-la. Eu ainda não estava pronto para ter companhia. Principalmente a dele.

Eu estava sendo boba. Ultimamente, minhas emoções estavam em alerta máximo. Ergui os olhos e encontrei seu olhar preocupado.

– Está bem. Eu entendo.

Rush se inclinou e beijou meus lábios suavemente.

– Desculpe por ter chateado você – sussurrou ele antes de me dar mais

um beijo no canto da boca e se recostar no assento. Era em momentos como esse que eu me derretia toda. – Ele está aqui agora. Então vamos ver o que o trouxe antes que a minha mãe descubra. Quero você para mim. Não gosto de ter a minha família maluca em volta.

Rush não soltou a minha mão enquanto ligava o carro e começava a andar. Apoiei a cabeça no assento e me virei para olhar para ele. A barba por fazer o deixava parecendo mais velho e rebelde. Muito sexy. Pensei que seria legal ele deixar de se barbear com mais frequência. Gostava de senti-la também. Ele havia tirado o brinco e agora quase nunca o usava.

– Por que acha que ele está aqui? – perguntei.

Rush olhou para mim.

– Pensei que ele tivesse vindo para conhecê-la. Mas acho que ele não sabia sobre você ainda. Pareceu surpreso. O que quer dizer que isso pode ter a ver com Nan.

Nan. A irmã dele não voltara a Rosemary desde que recebera alta do hospital. Rush não parecia preocupado com isso, mas ele amava a irmã. Eu detestava ser o motivo pelo qual ela se mantinha afastada. Agora que ela sabia quem era seu verdadeiro pai e que eu nunca havia tirado nada dela, eu esperava que pudessemos ser amigas, por Rush. Mas nada indicava que isso iria acontecer.

– Você acha que a Nan foi atrás do Kiro? – perguntei.

Rush deu de ombros.

– Não sei. Ela parece mudada desde o acidente.

O carro parou do lado de fora da grande casa de praia que o pai de Rush lhe comprara quando ele era apenas um garoto. Rush apertou a minha mão.

– Eu amo você, Blaire. Tenho muito orgulho de que vá ser a mãe do meu filho. Quero que todo mundo saiba. Nunca duvide disso.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu assenti antes de pegar a mão dele e beijá-la.

– Eu estou sensível. Você pode me ignorar quando eu fico assim.

Rush balançou a cabeça.

– Não sei ignorar você. Eu quero tranquilizá-la.

A porta do lado do carona se abriu, e, quando virei a cabeça, vi Dean Finlay parado com um sorriso no rosto.

– Deixe-a sair do carro, filho. Está na hora de eu conhecer a mãe do meu neto.



Dean ofereceu a mão e eu lhe estendi a minha sem saber o que mais fazer. Seus dedos compridos seguraram a minha mão e ele me ajudou a descer do Range Rover. Rush chegou ao meu lado num instante, pegou minha mão da do pai e me puxou para si. O pai riu e balançou a cabeça.

– Caramba! Quem diria?!

– Vamos entrar – falou Rush.

## RUSH

Dean foi até o sofá e se atirou nele antes de pegar um maço de cigarros. *Merda*. Eu não queria ter que lidar com ele agora.

– Não pode fumar aqui dentro nem perto da Blaire. Faz mal para o bebê.

– Caramba, garoto! – exclamou Dean, erguendo as sobrancelhas. – Tenho certeza de que sua mãe fumou quando estava grávida de você.

Eu não tinha dúvidas de que ela fazia isso e muito mais. De jeito nenhum eu exporia meu filho a essas coisas.

– Não quer dizer que seja saudável. Blaire não é igual à mamãe.

À menção de seu nome, Blaire entrou na sala trazendo duas cervejas. Eu não havia pedido que ela fosse buscar. Não gostava de vê-la servindo ninguém. Mas ela buscou mesmo assim. Fui até ela e a encontrei no meio do caminho.

– Não precisava fazer isso – falei, pegando as cervejas da mão dela e dando-lhe um beijo na testa.

– Eu sei. Mas temos visita. Quero que ele se sinta bem-vindo.

O sorriso em seus lábios tornava mais difícil eu me concentrar em meu pai. Queria levá-la para o quarto.

– Traga a cerveja, garoto, e pare de ser tão superprotetor. Vai sufocar a menina. Não sei que porra deu em você.

Blaire soltou uma risadinha, e eu decidi que, como ele a fizera rir, deixaria passar o que dissera.

– Aqui está – falei, enfiando a cerveja na mão dele. – Agora, por que você está aqui?

– O quê? Um pai não pode ver o filho quando quer?

– Estamos em Rosemary. Você nunca vem aqui.

Dean deu de ombros e tomou um gole da cerveja, então jogou um braço para trás no sofá e pôs os dois pés em cima da mesa de centro.

– É a maluca da sua irmã. Ficou *completamente* pirada. Precisamos de ajuda.

Tinha a ver com Nan. Eu achei que pudesse ser isso. Sentei na poltrona na frente dele e estendi a mão para Blaire. Não queria que ela ficasse de

pé, como uma intrusa em nossa conversa. Ela se aproximou de mim e eu a puxei para se sentar no meu colo.

– O que a Nan fez? – perguntei, quase com medo de ouvir a resposta.

Dean tomou mais um longo gole de cerveja. Então passou a mão pelos longos cabelos desalinhados.

– A questão é o que ela não fez. A maldita garota está nos azucrinando. Não temos sossego. Terminamos a turnê há duas semanas e voltamos a Los Angeles para descansar um pouco. Ela apareceu e tudo virou um inferno. Ninguém tem paz. Kiro não sabe o que fazer com ela. Precisamos de ajuda.

Eu sabia que Nan andava sumida, mas não imaginava que ela tivesse ido a Los Angeles procurar pelo Kiro. Ela sabia que meu pai e Kiro dividiam uma mansão em Beverly Hills. Durante toda a minha vida, fora lá que os dois moraram durante as turnês. Kiro fora casado duas vezes e saíra da mansão nesses períodos, mas voltara depois dos divórcios. A propriedade era conhecida como mansão Slacker Demon. Ninguém nunca sabia ao certo quais integrantes da banda estavam morando lá.

– Ela está hospedada na mansão? – perguntei.

Meu pai levantou as sobrancelhas de novo.

– Acha que sou idiota? O cacete que ela está lá. Só que ela aparece o tempo inteiro. Fica fazendo exigências e a porra toda. Kiro tentou aliviar as coisas e ter algum tipo de relacionamento com ela, mas ela não deixa. Ela não escuta e... Bom, ela descobriu que ele tem outra filha. Isso não foi muito legal.

Aparentemente, ela ainda não sabia sobre o filho de Kiro, mas Mase nunca dera as caras.

– Ela deve estar muito chateada – disse Blaire com preocupação na voz. Eu não entendia como ela podia se solidarizar com Nan. – Você precisa ir vê-la. Ajudá-la a lidar com isso e tentar que ela e Kiro tenham um bom relacionamento.

Eu ia discordar, mas Dean me interrompeu:

– Já gostei dela. Isso é exatamente o que você precisa fazer. Seu quarto está vazio, e você sabe que é confortável. Leve a Blaire com você, e isso vai me dar uma chance de conhecê-la e também de passar um tempo com você. Se não fizer isso, Kiro pode acabar matando Nan.

Blaire apertou meu ombro.

– Acho que devemos ir. Nan precisa de você.

Joguei a cabeça para trás e olhei para ela.

– Por que se importa com o que Nan precisa? – perguntei, espantado.

– Porque você a ama – foi a resposta dela, simplesmente.

– Essa é para casar. Agora chega de falar da Nan. Quero saber para quando é esse bebê e quando vai ser o casamento – disse Dean com a voz alegre, um tom muito diferente do que usava ao falar sobre Nan.

– Estou grávida de 20 semanas – contou Blaire, sorrindo para meu pai. – O bebê só deve nascer no meio de abril. Quanto ao casamento, íamos nos casar em quinze dias, mas não quero que isso atrapalhe Rush. Prefiro adiar o casamento e deixá-lo lidar com as questões de família primeiro. Ainda nem mandamos os convites. Então, mudar a data não é problema.

– Não. Eu não vou esperar mais para mudar seu sobrenome – contestei, mas Blaire pôs o dedo em meus lábios.

– Shhh. Não quero discutir isso. Não vou conseguir aproveitar nosso casamento sabendo que você tem problemas de família para resolver. Vamos curtir o dia de Ação de Graças com os nossos amigos, como combinamos, e então vamos para Los Angeles cuidar de Nan. Depois que tudo estiver resolvido, poderemos nos concentrar no casamento.

Eu não queria esperar. Detestava que ela ainda fosse Blaire Wynn com nosso filho na barriga. Queria que ela tivesse meu nome e que o mundo soubesse que eu a desejava e ao nosso bebê. Mas a seu olhar me disse que eu não venceria essa discussão.

– Eu só quero que você fique feliz – respondi por fim.

Blaire beijou a ponta do meu nariz.

– Eu sei disso. É um dos muitos motivos pelos quais eu amo você.

– Se vocês vão esperar até depois do dia de Ação de Graças para ir a Los Angeles lidar com aquela sua irmã, eu também vou. Além disso, faz anos que não passo esse feriado com você – anunciou meu pai.

Eu não sabia ao certo como me sentia em relação a isso.

– Adoraríamos tê-lo aqui, Sr. Finlay – disse Blaire a ele, com um sorriso alegre que transparecia sinceridade.

Putá que pariu. Eu ia ter que permitir isso.

– Me chame de Dean, querida. Já somos da mesma família.

A expressão satisfeita nos olhos dela me fez sorrir. Talvez ter meu pai por perto no feriado não fosse tão ruim, afinal. Se ele era capaz de fazer Blaire sorrir, eu daria um jeito de lidar com ele.

## BLAIRE

Falar sobre o dia de Ação de Graças me fez lembrar minha mãe. Seria meu primeiro feriado importante sem ela. Quanto mais me dava conta disso, mais difícil ficava respirar. Forcei um sorriso e pedi licença antes de subir correndo a escada para tomar um banho. De qualquer maneira, Rush precisava de um tempo a sós com o pai.

Deixei as lágrimas que vinha segurando correrem livremente enquanto tirava a roupa e entrava embaixo do chuveiro. A água quente escorria por mim enquanto eu soluçava. No ano anterior, eu havia preparado nosso jantar de Ação de Graças e nós comemos juntas à mesa. Sem amigos e sem família. Apenas nós duas. Naquela noite, também chorei. Porque no fundo sabia que seria o último dia de Ação de Graças com minha mãe. As lembranças dos anos anteriores, com Valerie e meu pai, eram ao mesmo tempo doces e dolorosas. Sentia uma tristeza profunda por tudo o que havíamos perdido. Não imaginava que algo pudesse doer tanto assim, mas agora eu sabia que estava errada.

Encarar as festas de fim de ano sem a minha mãe ia ser difícil. Ela adorava o dia de Ação de Graças e o Natal. Nós sempre começávamos a decorar a casa para o Natal no dia de Ação de Graças. Depois, sentávamos na frente da TV e víamos *Natal branco* juntas à noite, enquanto comíamos as sobras do peru e da torta de batata-doce. Era uma tradição nossa. Mesmo depois de perdermos Valerie e de meu pai nos deixar.

Este ano, tudo seria diferente. Saber que Rush estaria comigo e que eu iria começar uma família diminuía a dor. Eu só desejava que minha mãe estivesse aqui para me ver tão feliz.

A porta se abriu e, quando me virei, vi Rush entrando no banheiro. Ele estava de testa franzida. Parou e me observou por um instante antes de arrancar a camisa e atirá-la no piso de mármore. Então abriu a calça jeans, que tirou junto com a cueca boxer. Fiquei observando-o entrar embaixo do chuveiro.

– Por que você está chorando? – perguntou ele, segurando meu rosto em suas mãos. Eu sabia que a ducha havia lavado minhas lágrimas, mas meus olhos ainda deviam estar vermelhos.

Balancei a cabeça e sorri para ele. Não queria que se preocupasse com minhas emoções.

– Ouvi você chorando quando abri a porta do quarto. Preciso saber o motivo, Blaire.

Suspirei e apoiei a cabeça em seu peito, então passei os braços em volta dele. Eu tinha perdido muita coisa, mas Deus havia me compensado mandando Rush. Eu precisava me lembrar de quanto era abençoada.

– Eu meio que me dei conta de que este vai ser meu primeiro dia de Ação de Graças sem a minha mãe – admiti.

Rush me abraçou com mais força.

– Sinto muito, querida – sussurrou ele nos meus cabelos enquanto me abraçava.

– Eu também. Queria que você a tivesse conhecido. Quer dizer, agora que você está mais velho. Queria que ela pudesse tê-lo visto adulto.

– Eu também queria. Tenho certeza de que ela era tão perfeita quanto você.

Sorrindo, quis discordar. Eu não estava nem perto de ser tão perfeita quanto minha mãe. Ela era uma daquelas pessoas especiais que o mundo não vê com frequência.

– Se o fato de meu pai ficar aqui for difícil para você, eu o mandarei embora. Quero que você tenha uma lembrança boa disso. Qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar, é só dizer, que eu faço.

As lágrimas rolavam pelo meu rosto de novo. Os malditos hormônios da gravidez estavam me transformando em uma fonte com vazamento.

– Ter você comigo melhora tudo. Só falar a respeito já ajuda. Minha mãe amava o dia de Ação de Graças. Eu tinha consciência de que o do ano passado seria o último que passaríamos juntas. Durante todo o feriado, fiz tudo o que podia para torná-lo especial para ela. E para mim. Eu sabia que precisava dessa lembrança.

Rush fez pequenos círculos nas minhas costas e me abraçou em silêncio. Ficamos ali parados sob a água por vários minutos. Finalmente, ele se afastou o bastante para olhar para mim.

– Posso dar banho em você? – perguntou.

Assenti, sem saber o que aquilo significaria. Ele puxou uma luva de banho do lado de fora do boxe e pegou um dos meus frascos de sabonete líquido. Então começou a lavar minhas costas e meus ombros. Segurou cada um dos meus braços como se eu fosse uma criança e os lavou com todo o cuidado. Fiquei ali parada observando-o concentrado em limpar cada centímetro do meu corpo. Não era nada sexual, o que me surpreendeu. Era algo mais doce e inocente do que qualquer coisa que já havíamos feito. Suas mãos não se demoraram ao lavarem entre as minhas coxas. Ele apenas pressionou os lábios sobre a minha barriga uma vez ao se ajoelhar na minha frente para lavar minhas pernas e meus pés.

Quando terminou, ele se levantou e começou a enxaguar meu corpo com as mãos. Cada toque parecia quase reverente. Como se ele estivesse me idolatrando, não me lavando. Quando meu corpo estava limpo, ele passou para os meus cabelos. Fechei os olhos enquanto suas mãos massageavam meu couro cabeludo. Meus joelhos enfraqueceram um pouco com o prazer que aquilo proporcionava. Rush tirou o xampu e passou o condicionador, dando a mesma atenção de antes, enxaguando meus cabelos na água corrente.

Meu corpo relaxou com esses agradados. Eu estava praticamente mole. Rush desligou a água e pegou duas toalhas grandes. Enrolou uma em meus cabelos e a outra ao redor do meu corpo. Então me pegou no colo, me carregou até o quarto e me deitou na cama.

– Descanse. Eu já volto – sussurrou ele antes de beijar minha testa e voltar ao banheiro.

A bunda dele era uma visão tentadora, e eu queria ficar acordada. Ele me deixara excitada ao me tocar daquele jeito, ainda que não tivesse sido essa a intenção. Tentei esperar por ele, mas meus olhos ficaram mais pesados, e eu apaguei.

Eu me aninhei ainda mais naquele calor. O cheiro era de sol e mar. Suspirando satisfeita, esfreguei o rosto contra a calidez reconfortante, que riui.

Meus olhos se abriram, e o peito nu de Rush estava pressionado contra meu rosto. Sorrindo, eu o beijei e olhei para ele. O sorriso divertido em seus lábios me fez dar risada.

– Você parece uma gatinha de manhã – disse ele, com a voz rouca e profunda. Devia ter acabado de acordar também.

– Se você não fosse tão gostoso, eu não iria atrás de você dormindo para me esfregar em seu corpo.

Rush piscou.

– Então que bom que eu sou gostoso, porque essa sua bundinha linda não vai se esfregar em mais ninguém. Ou eu teria que matar o sujeito.

Eu amava esse homem.

– Desculpe ter caído no sono tão rápido ontem à noite.

Rush balançou a cabeça.

– Não tem por que se desculpar. Adoro saber que a deixei tão relaxada que você caiu no sono fácil. Não gosto de vê-la triste.

Eu amava muito esse homem.

Fui me espreguiçando e me aproximando dele, passei as duas mãos por trás do seu pescoço e pressionei meu corpo contra o dele. Apertei as pernas com um frêmito de expectativa quando a ereção dele roçou na minha coxa. Eu precisava tê-lo. Depois daquele momento doce na noite anterior, precisava me sentir completamente ligada a ele agora.

– Faça amor comigo – sussurrei, enfiando a cabeça entre o pescoço e o ombro dele.

– Com todo o prazer – murmurou ele e deslizou a mão por entre as minhas coxas.

Ele levantou uma das minhas pernas e a pousou sobre o próprio quadril. Eu estava completamente aberta, e ficar exposta assim me deixou excitada. Seus dedos tocaram a parte interna das minhas coxas, me instigando ao roçar só de leve minha abertura carente e inchada. Gemi, querendo apressá-lo, mas ele não aceitava ser pressionado. Em vez disso, o gemido pareceu deixá-lo mais malvado. Seus dedos ásperos traçavam desenhos que iam do meu joelho até a parte de cima da minha coxa e voltavam.

Eu tinha certeza que aquela brincadeira dele estava me fazendo ficar constrangedoramente encharcada.

– Rush, por favor.

– Por favor o quê, doce Blaire? O que você quer que eu faça?

Eu já tinha dito o que queria. Pelo jeito, ele queria ouvir mais. Rush e sua conversa safada sempre me excitavam.

– Me toque.

– Estou tocando – respondeu ele.



– Me toque mais em cima – implorei.

Ele queria que eu falasse sacanagem. Eu ia provocá-lo também.

Ele passou o dedo na dobra da minha coxa, e eu agarrei o braço dele com força e estremei. Ele estava muito perto.

– Aqui? – perguntou ele.

Me mexi de modo que o dedo dele chegasse mais perto. Ele começou a afastar a mão e parou.

– Puta que pariu – gemeu ele, deslizando o dedo para dentro de mim bem devagar. – Tão encharcada. Eu não consigo provocar quando você já está tão molhadinha assim – sussurrou ele.

Dei um grito quando ele passou suavemente a ponta do dedo sobre o meu clitóris. Eu estava com as pernas completamente abertas, e as mãos dele me tocando só me deixavam ainda mais maluca. Eu queria mais.

– Minha gata está tão pronta para mim – disse ele, enfiando dois dedos dentro de mim e pressionando meu ponto G.

O grito alto de prazer que saiu de mim foi mais do que ele podia aguentar. Rush me agarrou pela cintura, me colocou em cima dele e enfiou lentamente o pau dentro de mim.

– Caramba, como foi que ficou mais apertadinha? – murmurou ele, segurando meu quadril e mexendo seu corpo, de modo que cada centímetro dele ficasse dentro de mim. Era isso que eu queria. Ficar repleta. De Rush.

## RUSH

Blaire não concordou com a minha ideia de passarmos o dia nus no quarto. Insistiu que nos vestíssemos e fôssemos fazer sala para Dean. Eu achava que ele compreenderia meu desejo de ficar trancado com Blaire, mas ela discordou. O que provava quão pouco ela conhecia da vida de astro do rock do meu pai.

Deixei-a secando os cabelos e desci para começar a preparar o café da manhã. Ela não havia comido muito na noite anterior durante a festa, e então chegara em casa e fora dormir antes de comer.

Dean estava na cozinha, tirando ingredientes de dentro da geladeira e colocando-os em cima da ilha. Fiquei observando por um instante, tentando entender o que ele estava fazendo. Ele pegou o leite e então fez uma pausa e olhou para mim.

– Bom dia. Eu não tinha certeza se vocês iriam sair do quarto hoje, depois do jeito como você subiu a escada ontem à noite indo atrás dela. Pretendia tentá-los com um café da manhã.

Encostei-me no balcão e cruzei os braços.

– Tentei mantê-la lá em cima comigo. Ela insistiu que viéssemos fazer sala para você – expliquei.

Dean riu.

– Tal pai, tal filho.

– Não tenho nada a ver com você. A mulher que engravidei é a que eu amo. Eu vou me casar com ela e passar o resto da vida me esforçando ao máximo para fazê-la sorrir.

Dean fechou a porta da geladeira e olhou para mim. Talvez ele não esperasse ouvir palavras como aquelas vindo da minha boca. Na última vez que passara um tempo com ele, eu tinha uma garota diferente na cama a cada noite.

– O que a torna diferente? Você já teve muitas garotas. Por que ela?

Se ele não estivesse sinceramente curioso, eu teria ficado puto. Mas ele só me conhecia de antes de Blaire.

– Quando ela entrou na minha casa pela primeira vez e eu pus os olhos nela, me senti atraído. Essa parte foi simples. Mas então a conheci. Ela era diferente de todas as outras garotas. Foi muito determinada, quando deveria ter se sentido derrotada. Sua vida tinha sido uma merda, e ela estava lutando para sobreviver. Não era alguém que recuasse ou desistisse. Comecei a admirá-la. Então tive um pouco dela e me perdi. Ela é tudo o que eu quero ser.

Lentamente, um sorriso tomou conta do rosto de Dean, que assentiu.

– Bem, então está certo. Acho que você sabe mais da vida do que o seu velho, porque nenhuma mulher me fez sentir assim. Que bom que você encontrou isso. É uma coisa rara, garoto, então não deixe escapar. Não vai acontecer de novo.

Eu nunca tive a intenção de deixar escapar. Dean olhou ao redor.

– Onde ficam as tigelas? Vou fazer ovos mexidos para a mãe do meu netinho.

Senti meu coração apertar.

– Na segunda prateleira à esquerda do fogão.

– Comece a preparar o bacon – ordenou ele, pegando uma tigela. – Ela precisa de proteína.

Eu não ia discutir. Sempre cuidava para que ela se alimentasse bem pela manhã.

– Ela vai querer waffle também. Tenho uma máquina – contei a ele.

Dean assentiu.

– Bom saber que você está cuidando bem dela.

Trabalhamos em silêncio por alguns minutos. Queria perguntar sobre Nan e Kiro, mas não queria que Blaire chegasse e nos ouvisse conversando justamente sobre isso logo no início do dia. Gostava que ela aproveitasse o café. Falar sobre Nan nunca era uma experiência agradável.

– Você já deve ter ouvido que Grant está saindo com Nan – disse Dean, batendo os ovos.

Congelei. *O quê?* Eu havia escutado direito?

– Eu o avisei que ela era tão louca quanto a mãe e que o melhor era correr dela. Sei que ela é sua irmã e que você a ama, mas a garota é venenosa. Um cara como o Grant não precisa disso. Ele sempre foi um bom rapaz. Detesto vê-la mastigá-lo só para cuspir depois.

Eu ainda não conseguia pensar no que dizer. Grant e Nan... Como isso

tinha acontecido? Se havia alguém que sabia quanto Nan podia ser instável era Grant. Ele havia crescido vendo como a minha mãe e o pai de Nan, que nunca a reconheceria como filha, faziam a vida dela ser uma merda.

– Grant tentou ir falar com ela, mas Nan deu no pé com um cara que ela havia conhecido numa casa noturna, bem na frente dele. Acho que agora acabou. Ele lavou as mãos. Eu espero.

Por fim larguei a massa de waffle. Eu já não a misturava, só olhava fixamente para meu pai, como se as palavras dele não fizessem o menor sentido.

– Grant... estava com Nan? – A descrença na minha voz chamou a atenção de Dean. Ele se virou para olhar para mim.

– É. Pela sua cara, acho que você não sabia. Os dois estavam juntos fazia um tempo, pelo que sei. O coitado gostava dela de verdade. Mas ela é igual à mãe. Ele teve sorte de cair fora agora.

– Mas como?

Dean balançou a cabeça.

– Eu me fiz a mesma pergunta.

Não conseguia conversar sobre isso com ele. Saí da cozinha pela porta dupla que dava para a varanda dos fundos. Do lado de fora, peguei o celular e liguei para Grant. Nós contávamos tudo um ao outro. Ele estava saindo com minha irmã e nunca me disse nada.

– Oi, cara – cumprimentou-me com a voz animada.

– Eu sei sobre a Nan. – Foi tudo o que eu disse.

Grant soltou um suspiro cansado.

– Eu estava esperando poder contar a você sobre isso. Queria contar. É só que... ela não queria que eu contasse, daí teve o acidente. Depois, bem... acabou. Ela deixou bastante claro que não quer nada sério comigo. Eu não consigo lidar com esse negócio de ela dormir com um monte de caras. Para mim não era só um casinho. Eu jamais faria isso com Nan. Você sabe disso. Eu gostava dela de verdade. Talvez gostasse demais.

Afundi na cadeira ao meu lado e fiquei olhando fixamente para o mar.

– Por que você não me contou?

– Eu queria contar. Ela me implorou para não dizer nada. Eu gostava dela, Rush. Queria que desse certo. Fiz o que ela pediu. Mas me sentia um merda mentindo para você.

Ele gostava da Nan? Nossa!

– Dean disse que vocês terminaram.

– Ela terminou comigo. Não consigo fazer parte dos joguinhos dela.

Eu amava minha irmã, mas também amava Grant. Ela partiria seu coração, não era boa para ele. Meu pai tinha razão. Grant precisava de alguém que o amasse. Eu não sabia se Nan seria capaz disso. O motivo do meu alívio por terem terminado não era por não querê-los juntos, mas o fato de eu detestar pensar em Nan fazendo com Grant o que minha mãe tinha feito com os homens que a amaram. Grant merecia mais.

– Ela não vai conseguir fazer ninguém feliz enquanto não encontrar uma forma de ser feliz. Agora ela tem tanto ressentimento que vai tornar infeliz qualquer um que se aproxime demais. Não deixe que ela faça isso com você.

Grant ficou em silêncio por um minuto.

– Ela não é sempre tão mesquinha. Parte de mim chegou a se apaixonar por ela. Então ela acabou com isso ao me fazer ver como seria difícil amá-la.

– Eu amo minha irmã. Mas você merece mais. Nan não bate bem. De verdade. Ela tem muitos problemas.

– Obrigado. Eu imaginava que essa conversa fosse ser muito diferente. Não esperava que você se preocupasse comigo.

– Você é meu irmão. Eu quero o melhor para você também. Quero que tenha o que eu tenho. Corra atrás disso.

Grant soltou uma risada que deu a entender que ele não achava que isso fosse possível.

– Eis um objetivo difícil de atingir.

## BLAIRE

Entrei na cozinha e encontrei Dean Finlay fritando bacon e assoviando a melodia de um dos maiores sucessos do Slacker Demon. Não consegui deixar de sorrir. Ele virou a cabeça e nossos olhares se encontraram. Tinha no rosto uma expressão que eu jamais imaginara ver em um astro do rock. Ele me lembrou um pai.

– Bom dia, flor do dia. Estou preparando o café da manhã para você e o meu neto. Eu tinha um ajudante, mas acho que acabei contando algo que Rush não sabia e que o deixou um pouco chocado. Ele saiu para fazer uma ligação. Vai voltar em alguns minutos – falou ele, enfiando um garfo numa fatia de bacon que deixou escorrendo em um prato forrado com toalha de papel.

Olhei para a janela atrás dele e vi Rush concentrado num telefonema.

– E o que foi que você contou a ele? – perguntei, pensando se deveria ir atrás dele.

– Que Grant e Nan estavam juntos fazia algum tempo. Nan acabou fazendo uma besteira que foi a gota d'água e eles terminaram. Rush não sabia de nada até agora.

Fiquei de queixo caído enquanto processava a informação. Grant e Nan? Sério?

– Também fiquei chocado. Não achava que o garoto fosse tão burro. Acho que aprendeu do jeito mais difícil que nem tudo que reluz é ouro.

Olhei para Rush lá fora. Ele estava se levantando e guardando o telefone no bolso. Perguntei-me se havia ligado para Nan ou para Grant.

– Por que não se senta e me deixa fazer seu prato? – ofereceu nosso convidado. – Você gosta de suco de laranja, leite ou os dois? O bebê provavelmente precisa de um pouco dos dois.

Voltei minha atenção de novo para Dean, ali parado de pé segurando um prato com bacon, ovos e um waffle. Ele havia acabado de preparar tudo aquilo para mim?

– Nossa, está com uma cara ótima – comentei.

– E está delicioso. Eu faço um café da manhã incrível. Agora vá se sentar e me deixe servi-la.

Mordi o lábio inferior para não sorrir feito uma idiota e me sentei à mesa. Rush abriu a porta e entrou assim que o pai colocou o prato de comida na minha frente.

– Não se preocupe com a sua noivinha linda. Já cuidei dela.

Rush sorriu para o pai e veio na minha direção. Ele se abaixou e deu um beijo na minha testa.

– Você está linda – sussurrou.

– Você está bem? – perguntei, sem conseguir disfarçar minha preocupação. Precisava ter certeza de que ele não estava chateado por causa de Grant e Nan.

– Estou. Acho que Grant criou juízo e vai ficar tudo bem.

Franzi a testa. Grant criou juízo? O que ele queria dizer?

– Conversamos sobre isso depois. Coma – instigou ele, dando uma piscadela, e foi se servir.

Dean pôs um copo de suco de laranja e outro de leite na minha frente, então sentou à minha esquerda. Estava com uma xícara grande de café na mão, mas só.

– Não vai comer? – perguntei, enquanto ele bebia da xícara fumegante. Ele balançou a cabeça.

– Não. De manhã eu só bebo café.

Rush pôs o prato dele à minha direita. Ele o havia enchido com tudo o que restara na bancada.

Pelo jeito, estava com fome.

– Desculpe não ter ajudado você a preparar o café da manhã, mas obrigado por cozinhar.

– Foi um prazer. Fazia tempo que eu não preparava um café da manhã para você – respondeu Dean.

Gostei de ver Rush com o pai. Eles pareciam normais. Assim eu conseguia fazer parte da família. Duvidava que algum dia tivesse essa chance com a mãe e a irmã dele, mas o pai parecia me aceitar.

– Agora que sei que você sabe cozinhar, vou convocá-lo para me ajudar a preparar nosso jantar de Ação de Graças – informei ao Dean.

Ele sorriu.

– Eu adoraria. Há tempos que não tenho um jantar de Ação de Graças também. Estou ansioso para passar o feriado com vocês dois.

Fiquei feliz ao ver o sorriso de satisfação no rosto de Rush.

– Vou ao mercado hoje comprar os ingredientes que faltam.

– Vou com você – emendou Rush.

– Não. Você vai ficar aqui com seu pai. Vocês podiam jogar uma partida de golfe ou algo assim. Posso comprar o que precisamos sozinha. Além disso, acho que Bethy quer ir comigo. Ela vai fazer a torta de milho e a de abóbora para amanhã.

– Eu me recuso a jogar golfe. Mas botar a conversa em dia parece uma boa. Poderíamos ir a Destin ver o novo filme do James Bond. Ando querendo assistir. Até pago o almoço para você.

Pela expressão no rosto de Rush, percebi que ele não estava com muita vontade de ir, mas eu sabia que era apenas porque detestava ficar longe de mim. Estendi o braço e apertei a mão dele com força.

– Parece divertido. Vão fazer isso e eu passo um tempo com a Bethy.

Rush assentiu, mas notei que ele não queria ceder.

Comi uma garfada dos meus ovos e sorri para Dean.

– Isto aqui está ótimo. Obrigada.

Ele abriu um largo sorriso. Eu estava feliz que ele estivesse aqui. Não passaríamos o dia de Ação de Graças totalmente sem nossos pais.

– Por favor, Blaire. Eu imploro, por favor. – Bethy estava na minha frente balançando-se na ponta dos pés, de mãos postas, como se rezasse. A expressão de súplica em seus olhos me deu vontade de rir.

– Você não cresceu aqui? Como foi que nunca viu Dean antes? – perguntei, tirando uma sacola do mercado da parte de trás do Range Rover.

– Eu sou pobre. Você sabe disso! Eu trabalho para os ricos, não socializo com eles. Vamos lá, eu vou vê-lo amanhã, mas quero conhecê-lo agora. Sem Jace por perto para me ver toda derretida.

Fingi ter ânsia de vômito.

– Ele é velho demais para você se derreter. Que nojo!

– Você está brincando, né? A última namorada de Dean Finlay tinha uns 21 anos. Alguém como ele nunca fica velho demais para a gente ficar derretida.

Eu discordava. Dean tinha quase 50. Tinha que ter. Por que saía com alguém mais jovem do que o próprio filho? Nojento.



– Está planejando deixar Jace e se tornar mais um risquinho na contagem da cabeceira do Dean? – brinquei, seguindo na direção da porta da casa da praia.

– Claro que não. Eu só quero... – Ela parou, pegou uma sacola e começou a subir a escada atrás de mim, toda atrapalhada. – Eu só quero conhecê-lo. Ver aqueles olhos dele e respirar o mesmo ar.

Desta vez eu ri de verdade. Não consegui evitar. Assim ela ia me matar de tanto rir.

– Ele é um cara normal. E também é pai do Rush, então duvido que Rush vá querer que você entre aqui agindo como uma tiete. Controle-se antes do jantar de Ação de Graças. Não vai ser o momento adequado para você ficar se derretendo toda pelo meu futuro sogro.

– Isso é doideira. Você se tocou, né? Doideira total! Ter o sinistro do Dean Finlay como sogro. Mulheres de todo o mundo querem dar para o cara. E você vai ser da família dele.

Estremeci e abri a porta. Às vezes Bethy passava um pouco do ponto. Como naquele momento.

– Vamos guardar as compras e falar sobre o cardápio de amanhã. Então posso contar da minha viagem para Los Angeles com Rush e o pai dele no fim de semana. Nan está dando problema para o Kiro.

Bethy entrou correndo atrás de mim.

– Você vai viajar? Neste fim de semana? Você não pode me deixar sozinha! Nem pelo Dean! Não!

Pelo menos eu a havia feito parar de pensar em pegar o Dean. Larguei a sacola em cima do balcão e me virei para olhar para ela.

– Rush precisa ir, e eu vou com ele. Além disso, se eu não for, acho que ele não vai. O pai dele pediu ajuda para lidar com Nan.

Bethy fez beicinho e se jogou no banco do bar à minha frente.

– Que droga. Não quero que você viaje.

Quanto mais eu pensava, menos vontade tinha de viajar. Mas eu não podia deixar Rush ir para Los Angeles sem mim. Ficaria com muita saudade dele. Além disso, seria uma oportunidade para eu conhecer melhor o pai dele. Estávamos prestes a formar uma família e eu queria que Dean fizesse parte dela. Eu só tivera notícias do meu pai uma vez desde que ele aparecera para me contar que não era o pai de Nan. Ele tinha me ligado uma semana depois de ir embora, para dizer que estava indo para o arquipélago

de Florida Keys, atrás de um barco onde morar. Queria ficar sozinho. Também tinha dito que me amava.

Tentava não pensar muito no meu pai. Pensar nele só me deixava triste. Devia ter dito que o queria na minha vida, mas não disse. Eu o deixei partir. Pensar nas festas de fim de ano sem ele me entristecia. Eu havia encontrado o meu lar, mas ele tinha perdido o dele.

– Você escutou alguma coisa do que eu acabei de dizer? – questionou Bethy, interrompendo meus pensamentos.

Olhei para ela.

– Desculpe. Estava pensando no meu pai – admiti. Então peguei a lata de ervilhas e comecei a guardá-la.

– Ah. Está pensando em convidá-lo?

Agora era tarde demais. Eu não tinha certeza se Rush ficaria incomodado ou não se eu o convidasse. Não havíamos falado muito sobre meu pai. Balancei a cabeça e me virei para pegar o açúcar.

– Não. Só estava pensando nele de um modo geral. Imaginando o que anda fazendo – respondi.

## RUSH

**M**eu pai estava cantando na cozinha enquanto preparava o peru. Fiquei parado vendo Blaire misturar alguma coisa em uma tigela, sorrindo feliz. Meu pai tentava fazê-la cantar com ele, mas ela apenas ria e balançava a cabeça negativamente. Ia ser uma noite difícil para ela, e era bom vê-la sorrindo.

Durante toda a semana eu me perguntara se devia contar a ela que havia convidado Abe. Ele chegaria dentro de uma hora. Eu havia recebido uma mensagem de texto dele quando o avião aterrissou. Não conseguia decidir se essa surpresa era uma boa ideia. Queria que fosse uma noite especial para ela. Era o nosso primeiro dia de Ação de Graças juntos. Eu sabia que o fato de também ser o primeiro que ela passaria sem a mãe poderia ofuscar a noite e compreendia isso. Mas, se pudesse transformar nosso feriado em uma lembrança boa, em algo que ela fosse recordar com carinho, moveria céus e terras para que isso acontecesse.

– Está se escondendo aí atrás por medo de sujar as mãos, garoto? – perguntou meu pai, olhando por cima do ombro e me dando uma piscadela.

Blaire se virou com uma colher numa das mãos e um sorriso no rosto. Seu avental tinha umas franjinhas em volta e estampa de bolinhas cor-de-rosa. Ela estava encantadora.

Fui até ela e a puxei para perto de mim para poder beijar aqueles lábios lindos.

– Estamos cozinhando aqui. Não há tempo para esse tipo de coisa – brincou Dean, dando risada.

Blaire interrompeu o beijo e conteve um sorriso. O brilho em seus olhos demonstrou que ela estava tentando não rir. Adorava vê-la assim, ainda mais num dia como aquele. Mais uma vez, ela estava sendo mais forte do que muitos homens que eu conhecia. Continuava a me impressionar com sua força, cada vez mais.

– Posso ajudar? – perguntei, abaixando-me para dar mais um beijo no canto de sua boca.

– É claro. Pode me ajudar a botar este peru enorme no forno sem deixar cair nem queimar minha mão – respondeu Dean.

Blaire se afastou de mim.

– Ajude seu pai – falou ela, ainda se divertindo. Ótimo. Se Dean a alegrava, então ele servia para alguma coisa.

Alguém bateu de leve à porta, depois a voz de Bethy encheu a casa.

– Cheguei!

– Já não era sem tempo – respondeu Blaire.

Bethy entrou na cozinha seguida por Jace. Ele vinha carregado de sacolas de compras. Eu não sabia como poderíamos precisar de mais comida.

– Onde ponho essas coisas? – perguntou ele, sem fôlego.

– Bem aqui no balcão. – Blaire apontou para o único espaço disponível na cozinha.

Jace largou as sacolas, soltou um suspiro de alívio e então olhou para mim.

– Preciso de uma cerveja e de ver um pouco de futebol.

Abri a geladeira, peguei duas cervejas e dei uma a ele.

– Venha. Vamos liberar espaço aqui.

Jace olhou para Bethy, que estava imóvel encarando meu pai. Ele balançou a cabeça e se virou para mim.

– É, vamos sair daqui antes que a Bethy comece a tietar o seu pai.

– Bom ver você de novo, Jace – falou Dean enquanto saíamos da cozinha.

– Você também, Dean. Por favor, não ligue para minha namorada. Ela é meio tiete – pediu ele.

Passamos pela sala de estar e pela tela plana de 103 polegadas que Jace olhou, desejoso. Sabia que ele queria ver um jogo, mas eu precisava conversar com alguém sobre Grant.

Saímos para a varanda e eu me sentei em uma das espreguiçadeiras.

– Sente. Vamos ver um jogo, mas antes eu queria perguntar uma coisa.

Jace sentou ao meu lado e tomou um gole da cerveja.

– Você está sério.

– Você sabia do Grant e da Nan? – perguntei, observando-o com toda a atenção. Jace não sabia mentir. Seus olhos arregalados o denunciaram. Eu nem esperei pela confirmação. – Você não achou que era importante me contar isso? – continuei.

Jace largou a cerveja e soltou um suspiro de frustração.

– Merda. Eu sabia que você ia ficar puto quando descobrisse. Não quis

ser eu a contar a você. Além disso, você estava naquela de ter perdido a Blaire e estar tentando reconquistá-la. Daí veio a gravidez dela. Grant nem sabia que eu sabia. Ele achava que estava mantendo segredo de todo mundo. Nós só fomos mais observadores do que você na época. Você só tinha olhos para Blaire. O restante de nós percebeu as coisas...

Ele tinha razão. Eu estava lutando pelo meu futuro. Estava focado em reconquistar Blaire e então protegê-la e ao nosso filho. Não me sobrava tempo para dar atenção a mais nada nem ninguém. Talvez tenha sido melhor eu não saber. Eu não precisava de distrações.

– Você tem razão. Foi melhor eu não saber. Precisava me concentrar na Blaire. Em mais nada.

Jace balançou a cabeça.

– Mas a coisa não terminou bem. Nan só deixa destruição por onde passa. Grant ficou arrasado de verdade, mas está se recuperando agora. Acho que vai se mudar de vez para Rosemary por um tempo. Quer manter distância dela.

Minha irmãzinha com certeza sabia causar problemas. Eu estava me cansando de sempre ter que livrar a cara dela. Mas não conseguiria ajudar Grant. Ele deveria saber que não podia se envolver num relacionamento com ela. Ela não era do tipo que se comprometia.

O telefone vibrou no meu bolso. Era uma mensagem do Abe. Ele havia chegado. Rezei que tê-lo trazido fosse a coisa certa a fazer. Queria que a noite fosse especial para Blaire. Ela já havia sofrido muito.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)